

Junho de 2021

**Recentes desenvolvimentos:** A produção na região da África Subsaariana sofreu uma contração estimada em 2,4% em 2020, como resultado da pandemia da COVID-19, e de uma recessão inferior à esperada. O crescimento recomeçou gradualmente este ano, refletindo repercussões positivas do reforço da atividade económica mundial, incluindo os preços mais elevados do petróleo e dos metais, e alguns progressos na contenção da COVID-19, especialmente na África Ocidental e Central. A pandemia contribuiu para maiores défices orçamentais e para um aumento da dívida pública, aumentando o risco de sobreendividamento nalguns países.

A atividade nas três maiores economias —Angola, Nigéria, e África do Sul—recuperou parcialmente. Muitos países que exportam bens industriais e agrícolas sofreram profundas contrações no ano passado. Nos países que dependem do turismo, as chegadas internacionais têm estado quase paradas, e o turismo provavelmente permanecerá lento até que uma vacinação mais ampla permita a reabertura segura para as viagens internacionais. Apesar da situação ter melhorado, a Covid-19 continua a ter impactos adversos na saúde, escolaridade, investimento e crescimento económico.

Nalguns países (Angola, Nigéria), as polícias monetárias e fiscais acomodáticas, as depreciações da moeda e o aumento dos preços dos bens alimentares da energia fizeram aumentar a inflação. Noutros países (Quénia e África do Sul), a diminuição da procura tem mantido a inflação sob controlo. Os investimentos diretos estrangeiros na região foram resilientes, tendo recuperado cerca de nove décimos dos seus níveis anteriores à pandemia, e as remessas dos trabalhadores para a região têm-se mantido melhor do que o estimado.

**Perspetiva:** Prevê-se que o crescimento venha a ser de 2,8% este ano e de uns mais firmes 3,3% em 2022, sustentado por uma procura externa mais forte, principalmente da China e dos Estados Unidos, preços mais elevados das mercadorias e a contenção da Covid-19. Prevê-se que os desafios colocados pelo aprovisionamento e pela logística continuem a fazer oscilar o ritmo das campanhas de vacinação, apesar do fornecimento de vacinas pela Covax. Prevê-se que as incertezas das políticas e os efeitos persistentes da pandemia façam atrasar importantes investimentos em infraestruturas e nas indústrias extrativas e possam fazer abrandar a recuperação (República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Níger, Quénia). Os níveis dos rendimentos per capita em 2022 deverão ser 4% inferiores à média de 2019. As condições nos países frágeis e afetados por conflitos da região deverão ser particularmente difíceis; o seu nível médio de produção em 2022 deverá ser 5,3% inferior aos níveis de 2019.

O crescimento na Nigéria deverá voltar a 1,8% em 2021 e atingir 2,1% no próximo ano, assumindo preços do petróleo mais elevados, reformas estruturais do sector petrolífero e uma gestão cambial flexível baseada no mercado. A África do Sul deverá crescer 3,5% este ano e 2,1% em 2022. As pressões fiscais e o fraco crescimento do investimento público diminuem as perspetivas de crescimento a curto prazo da África do Sul, e continuam a existir impedimentos estruturais ao crescimento potencial. As projeções para Angola apontam para uma expansão de 0,5% em 2021 e 3,3% em 2022, como resultado da subida dos preços do petróleo e do consumo público.

Noutros lugares da região, espera-se que o crescimento dos países exportadores de produtos industriais, excluindo Angola, Nigéria e África do Sul, aumente para 2,4% em 2021-22. Prevê-se que o crescimento dos países exportadores de bens agrícolas seja relançado a um ritmo mais rápido de 4,5% por ano, em média, em 2021-22.

**Riscos:** Os riscos são para o lado negativo. Enquanto alguns países (Gana, Nigéria, África do Sul) estão a atualizar os sistemas nacionais de distribuição de vacinas, os obstáculos à aquisição e logísticos em muitos outros países podem atrasar ainda mais as campanhas de vacinação. Uma queda no preço do petróleo poderia deteriorar as receitas de alguns países exportadores de petróleo. A insegurança alimentar continua a ser um risco fundamental, uma vez que os preços dos alimentos aumentaram mais de 20% no início deste ano em Angola, Etiópia e Nigéria. As cheias e as secas também podem destruir as colheitas, exacerbar a inflação dos preços dos bens alimentares e pesar ainda mais no consumo das famílias. O aumento dos conflitos pode enfraquecer as recuperações. Um aumento súbito nos custos dos empréstimos soberanos pode vir a instigar pressões financeiras nalguns países e os elevados encargos da dívida e pressões orçamentais podem tornar-se mais agudos. Ao mesmo tempo, o ritmo das campanhas de vacinação poderá superar as expectativas, restaurando a confiança dos consumidores e das empresas e reforçando a recuperação. Um aumento dos preços dos metais e do petróleo superior ao esperado poderá aumentar as receitas.

[Descarregar Perspetivas económicas globais](#)

## Previsões para os países de África Subsaariana

(Alteração percentual anual a não ser que algo diferente seja indicado)

	2018	2019	2020e	2021f	2022f	2023f
PIB a preços de mercado (média 2010-19 US\$)						
Angola	-2,0	-0,6	-5,2	0,5	3,3	3,5
Benin	6,7	6,9	2,0	5,0	6,0	6,5
Botswana	4,5	3,0	-7,9	6,9	4,3	4,1
Burkina Faso	6,7	5,7	0,6	3,1	5,0	5,7
Burundi	1,6	1,8	0,3	2,0	2,5	3,0
República Centro-Africana	3,7	3,1	0,0	0,7	2,8	4,4
Cabo Verde	4,5	5,7	-14,0	3,9	5,2	6,1
Camarões	4,1	3,7	-2,1	2,1	2,7	3,8
Chade	2,4	3,2	-0,9	1,0	2,5	2,9
Comores	3,4	2,0	-0,5	0,2	2,2	4,2
Congo, Rep. Dem.	5,8	4,4	0,8	2,5	3,0	4,1
República do Congo	-6,2	-3,5	-7,9	-0,1	2,3	3,1
Costa do Marfim	6,9	6,2	1,8	5,7	6,0	6,5
Guiné Equatorial	-6,4	-5,6	-4,9	2,4	-5,6	-2,3
Eritreia	13,0	3,7	-0,6	2,0	4,9	3,8
Essuatíni	2,4	2,2	-3,1	1,3	1,1	1,5
Etiópia <sup>a</sup>	6,8	8,4	6,1	2,3	6,0	7,5
Gabão	0,8	3,9	-1,9	1,5	2,5	3,6
Gâmbia	7,2	6,1	0,0	3,5	5,5	7,0
Gana	6,3	6,5	1,1	1,4	2,4	3,6
Guiné	6,2	5,6	4,7	5,5	5,2	5,2
Guiné-Bissau	3,8	4,6	-2,4	3,0	4,0	5,0
Quênia	6,3	5,4	-0,3	4,5	4,7	5,8
Lesoto	1,5	1,4	-5,8	2,9	3,1	3,2
Libéria	1,2	-2,3	-2,9	3,3	4,2	4,7
Madagáscar	4,6	4,9	-4,2	2,0	5,8	5,4
Maláui	4,4	5,4	0,8	2,8	3,0	4,5
Mali	4,7	4,8	-2,0	2,5	5,2	5,0
Mauritânia	2,1	5,9	-1,5	2,7	3,7	6,0
Maurícia	3,8	3,0	-15,6	3,6	5,9	4,3
Moçambique	3,4	2,3	-1,3	1,7	4,1	6,3
Namíbia	1,1	-1,6	-7,3	1,8	1,8	1,5
Níger	7,2	5,9	0,8	4,7	8,9	12,1
Nigéria	1,9	2,2	-1,8	1,8	2,1	2,4
Ruanda	8,6	9,4	-3,3	4,9	6,4	7,5
São Tomé e Príncipe	2,9	1,3	3,1	2,7	3,5	4,0
Senegal	6,4	5,3	-0,7	3,1	4,9	8,9
Seicheles	3,8	5,3	-13,3	1,8	4,3	4,2
Serra Leoa	3,4	5,5	-2,2	3,0	3,7	4,0
África do Sul	0,8	0,2	-7,0	3,5	2,1	1,5
Sudão	-2,3	-2,5	-3,6	0,4	1,1	2,6
Sudão do Sul <sup>a</sup>	-3,5	-0,3	9,5	-3,4	1,5	3,0
Tanzânia	5,4	5,8	2,0	4,5	5,5	6,0
Togo <sup>b</sup>	4,9	5,3	0,7	3,4	4,6	5,0
Uganda <sup>a</sup>	6,3	6,4	3,0	3,3	4,7	6,4
Zâmbia	3,5	1,4	-3,0	1,8	2,9	3,8
Zimbábue	4,8	-8,1	-8,0	3,9	5,1	5,0

Fonte: Banco Mundial.

Notas: e = estimativa f = previsão. As previsões do Banco Mundial são frequentemente atualizadas com base em novas informações e alteração de circunstâncias (globais). Consequentemente, as projeções aqui apresentadas podem ser diferentes das contidas noutros documentos do Banco, mesmo que as avaliações básicas das perspetivas dos países não sejam significativamente diferente num determinado momento.

a. Números baseados no ano fiscal.

b. Para o Togo, os valores do crescimento em 2018 e 2019 baseiam-se em estimativas do PIB ajustadas antes de 2020.

[Descargar os datos](#)